

O COLÉGIO JESUÍTA DA BAHIA E A FORMAÇÃO DE CÍRCULOS LETRADOS NAS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XVI. OS CASOS DE BENTO TEIXEIRA E BARTOLOMEU FRAGOSO

THE JESUIT SCHOOL IN BAHIA AND THE CONSTITUTION OF LITERARY GROUPS IN THE LAST TWO DECADES OF THE SIXTEENTH CENTURY. A STUDY OF BENTO TEIXEIRA AND BARTOLOMEU FRAGOSO'S CASES

Juarlyson Jhones Santos de Souza

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Correspondência:

Rua Mário Albuquerque Cavalcante, n. 11, Santo Amaro
Recife – Pernambuco – Brasil. CEP: 50110-065

E-mail: juarlyson.historia@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo historicizar as formas de transmissão da cultura letrada na América portuguesa durante a segunda metade do século XVI. A difusão da cultura escrita e letrada ocorria por meio dos Colégios Jesuítas, principais instituições responsáveis pela formação de letrados na sociedade colonial. Tais Colégios se encontravam em processo de estruturação durante os Quinhentos, seu momento inicial. Com base principalmente na documentação inquisitorial e na documentação jesuítica, pretendemos analisar as práticas culturais que poderiam definir sujeitos como Bento Teixeira e Bartolomeu Fragoso, estudantes do Colégio da Bahia, como homens de letras no contexto específico da sociedade colonial.

Palavras-chave: Letrados; colégios jesuítas; Bento Teixeira; Bartolomeu Fragoso.

Abstract

This paper aspires to historicize the forms of the transmission of literary culture in Portuguese America during the second half of the XVI century. The diffusion of the written and literary culture occurred at the time through the Jesuits School, first institution that was responsible to educate and form the scholars in the colonial society. Those schools pass by an organization during the five hundred years, period when the Jesuits was just initiating their education activities in Portuguese America. Based mostly in the documentation ensemble that arises from the Holy Office of the Inquisition- denunciations, confessions and criminal cases- and also in Jesuit documents, we intend to analyses the cultural practices that could define, in the specific context of the colonial society, some subjects as Bento Teixeira and Bartolomeu Fragoso, Jesuit students, as men of letters.

Keywords: Men of letters; Jesuits school; Bento Teixeira; Bartolomeu Fragoso.

O humanista espanhol Antônio de Nebrija, no final do século XV, em seu *Vocabulario Español-Latino* (1495), definia letrado como “ombre sabido”, acrescentando que o termo em latim equivalente era o de “litteratus”.¹ Na subclassificação do termo, Nebrija faz menção ao termo latino “iurisconsultus” para o “letrado bueno em derecho”. O humanista menciona o “letrado malo” e utiliza o termo em latim “litterator” como seu correspondente. Na lexicografia portuguesa quinhentista, temos Jerônimo Cardoso, que em seu *Dictionarium latino lusitanicum* (1570) também estabelece uma diferenciação entre o letrado e o mal letrado, provavelmente sob a influência do *Vocabulario* de Nebrija. No *Dictionarium* de Jerônimo Cardoso, “litterator” aparece como o “ho mao Grãmatico, ou letrado” e “literatorius” como “cousa de mao letrado”.²

O *Dictionarium* de Jerônimo Cardoso divide-se em duas partes: do latim para o português e do português para o latim. Na segunda, o termo latino “eruditus” é usado para designar a vernáculo “letrado”. Diferentemente de Nebrija, Cardoso utiliza o termo latino “litteratus” para “letrada cousa”. Além disso, o correspondente latino em Cardoso, para “letrado em leis” é “iurisperitus” e não “iurisconsultus”, como em Nebrija.

A diferenciação entre “letrado” e “mao/malo letrado” presente em Nebrija e em Cardoso, não parece relacionar-se, necessariamente, às questões morais. A distinção, possivelmente, refere-se ao nível de especialidade, separando os bons especialistas dos que deixam a desejar em suas habilidades nas letras. Os dois dicionaristas também diferenciam o “letrado” do “letrado em leis” ou “en derecho”, fazendo-nos entender que o termo letrado poderia ser aplicado tanto para designar aqueles que detivessem um domínio especializado no conhecimento das letras (profanas ou religiosas) quanto para aqueles que possuíam um domínio especializado nas letras jurídicas. Seja em Espanha ou em Portugal, portanto, letrados não eram apenas aqueles que possuíam formação em Direito (civil ou canônico), estes eram um tipo específico de letrado.

A classificação de letrado em leis como um tipo específico de letrado permanece na lexicografia portuguesa dos Seiscentos. O *Dictionarium Lusitanico Latinum* (1611) de Agostinho Barbosa usa o termo “litteratus” para “letrado”, e “iurisperitus” para “letrado em cânones ou leys”.³ Neste aspecto, Agostinho Barbosa parece repetir Nebrija e Cardoso, mas inova ao fazer menção ao “letrado grande” como uma forma

¹ NEBRIJA, Elio Antonio. *Vocabulario Español-Latino*. Madrid: Real Academia Española (facsimile), 1551, p. 134. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/vocabulario-espanollatino-0/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

² CARDOSO, Jerônimo. *Dictionarium latino lusitanicum*. BNP. Disponível em: <http://purl.pt/14265>. Acesso em: 15 jun. 2015.

³ BARBOSA, Agostinho. *Dictionarium Lusitanico Latinum*. Biblioteca Nacional de Portugal (BNP). Disponível em: <http://purl.pt/14016>. Acesso em: 15 jun. 2015.

de distinção dentro da categoria mais ampla de letrado. Os termos latinos para designar “letrado grande” por Agostinho Barbosa são “doctissimus” e “litteralissimus”. Dessa forma, o dicionarista nos leva a entender que entre aqueles que poderiam ser considerados letrados havia os “letrados em leys ou cânones” e os que apresentavam uma maior distinção, os “letrados grandes” dentro do espectro da cultura letrada. Tanto Nebrija, quanto Cardoso e Barbosa indicam que o conceito de letrado não pode ser encarado como um corpo monolítico, mas que havia formas distintas de letrados dentro da categoria mais ampla. O que precisamos discutir seriam os requisitos elementares para que alguém pudesse, pelo menos, ser reconhecido como letrado, dentro da conceituação mais básica oferecida pelos dicionaristas.

Assim, com base nessas reflexões, definimos letrado como o sujeito que apresentava certo grau de conhecimento nas letras que o fazia estar além do domínio de capacidades básicas de leitura e escrita. Para o contexto do século XVI, o ser letrado estava intimamente relacionado ao domínio da leitura em pelo menos uma língua antiga dentre o grego, o hebraico e o latim, sendo este último, o mais utilizado. Os letrados apresentavam uma quantidade razoável de leituras de textos clássicos, tendo em vista que teria sido por meio da leitura dessas obras que estes agentes receberam formação nas letras. Estes sujeitos apresentavam um domínio especializado do conhecimento que os tornavam versados nas letras em relação ao grupo relativamente mais amplo dos alfabetizados. É sob esta conceituação que compreendemos os sujeitos que haviam recebido formação letrada no Colégio Jesuíta da Bahia, objetos deste artigo.

Considerando as definições dos dicionaristas que classificam os letrados entre os que eram apenas letrados, os letrados em leis ou cânones e os “grandes letrados”, sem, no entanto, oferecerem os aspectos elementares que distinguem os letrados do grupo mais amplo de alfabetizados. Seguimos o caminho indicado por Reinhart Koselleck, segundo o qual para a formulação de um conceito “seria necessário um certo nível de teorização e cujo entendimento é também reflexivo”.⁴

Aos vinte e dois de setembro de 1595, o visitador Heitor Furtado de Mendonça começou a inquirição das testemunhas nomeadas por Bento Teixeira, cristão-novo que vivia na Capitania de Pernambuco como mestre-escola na época da primeira visitação inquisitorial à América portuguesa na década de 1590. Dentre as testemunhas que compareceram estavam Manuel do Couto, Calisto da Mata e Paulo Serrão que afirmaram terem sido condiscípulos, isto é, companheiros de estudo, de Bento Teixeira no Colégio da Bahia por volta de 1583. Apenas Diogo do Couto, outra testemunha que havia comparecido, afirmou que “não foi condiscípulo do dito Bento Teixeira porquanto já ele testemunha então cursava na Teologia, mas que o

⁴ KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 135.

via tratar e comunicar”.⁵ No entanto, todos tinham em comum o fato de serem clérigos na Capitania de Pernambuco na época da inquirição, à exceção do próprio Bento Teixeira.

Este aspecto, certamente, não deve ser deixado de lado, pois uma das principais finalidades pelas quais os Jesuítas ocuparam-se de Colégios, sobretudo, na Colônia, foi pelo fato de recrutarem mais jovens para integrarem seus quadros.⁶ Desde o início, o padre Manuel de Nóbrega destinava os estudantes que apresentassem maior rendimento nos estudos para tornarem-se clérigos membros da Companhia de Jesus.⁷ Entretanto, dos padres que foram inquiridos no processo de Bento Teixeira, apenas Manuel do Couto⁸ e Calisto da Mata eram jesuítas, pregadores e confessores do Colégio de Olinda. Os demais parecem ter integrado o clero secular: Diogo do Couto era Licenciado e vigário da Matriz da vila de Olinda, – parece ter ocupado também a função de Ouvidor Eclesiástico⁹ – e Paulo Serrão também atuava na referida Matriz como “mestre da capela do canto”.¹⁰ O Colégio da Bahia parece ter formado sujeitos que também integraram outras ordens religiosas que se fizeram presentes no Brasil já no século XVI, para além da Companhia de Jesus. Frei Vicente de Salvador estudou no Colégio da Bahia e, posteriormente, tornou-se franciscano.¹¹ Em uma de suas sessões, Bento Teixeira mencionou o Manuel de Góis que também era estudante no Colégio da Bahia e, posteriormente, havia se tornado “frade de São Bento”.¹²

Manuel do Couto informou ao inquisidor que “foi o dito Bento Teixeira seu condiscípulo na Bahia nas escolas da Companhia ano e meio no latim e alguns dois anos nas artes”.¹³ Calisto da Mata confirma a informação, “disse que na Bahia foi Bento Teixeira seu condiscípulo no latim e nas artes algum ano e meio”.¹⁴ Já Paulo Serrão “disse que haverá doze anos que na Bahia foi condiscípulo de Bento Teixeira

⁵Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0112.

⁶ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus*. t. I, v. 1. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2006, p. 92.

⁷ NÓBREGA, Padre Manuel de. Para o Provincial de Portugal, da Bahia (1557). In: NÓBREGA, Padre Manuel de. *Cartas do Brasil (1549-1560)*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Gráfica, 1931, p. 171.

⁸ Serafim Leite destaca inclusive que foi por meio da pregação do padre Manuel do Couto que Antônio Vieira decidiu se tornar jesuíta enquanto era um jovem estudante no Colégio da Bahia. LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus*. t. VIII, v. 4. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2006, p. 158.

⁹MELLO, José Antônio Gonsalves. *Gente da Nação: cristãos-novos e judeus em Pernambuco, 1542-1654*. 2. ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996, p. 24.

¹⁰Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0115.

¹¹ ABREU, J. Capistrano de. Nota preliminar. In: SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil*. São Paulo e Rio: Weiszflog Irmãos, 1918, p. 9-10.

¹²Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0454.

¹³Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0106.

¹⁴Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0108.

que estudavam artes nas escolas dos padres da Companhia”.¹⁵ A partir dos depoimentos dos padres Manuel do Couto e Calisto da Mata, podemos observar que Bento Teixeira ao chegar à Bahia não foi logo para os estudos do curso de Artes, conforme apontou em seus depoimentos aos inquisidores, mas parece ter completado os estudos de Latinidade por pelo menos durante um ano e meio. Provavelmente, no Rio de Janeiro, Bento Teixeira apenas estudou os níveis iniciais do curso de Humanidades, completando-o no Colégio da Bahia. Por outro lado, o Colégio do Rio de Janeiro talvez não o habilitou suficientemente para os estudos de Artes no Colégio da Bahia, levando os mestres a fazê-lo frequentar os estudos literários até que alcançasse o nível necessário.

Estamos, portanto, diante de cinco sujeitos (contando com Bento Teixeira) que obtiveram formação letrada no Colégio Jesuíta da Bahia. Isto nos faz refletir sobre o fato de que já no final século XVI esta instituição demonstrava seu impacto na sociedade colonial formando homens de letras que ocuparam ofícios e papéis sociais diversos. Para termos uma ideia mais concreta sobre o papel essencial exercido pelo Colégio da Bahia na formação de letrados na sociedade colonial, o curso de Artes, que havia sido fundado em 1572, começou com 12 alunos e em 1593 iniciou com uma turma de 20 estudantes. Cinco anos depois, em 1598, este número aumentou para 40.¹⁶ São números bastante significativos, pois entre 1577 e 1600 apenas 13 alunos partiram do Brasil para Portugal para irem estudar na Universidade de Coimbra.¹⁷ O número dos que permaneciam na Colônia entre o final do século XVI e o início do XVII certamente era maior e devemos nos questionar acerca da inserção destes letrados, seja como integrantes do clero local, seja como sujeitos que exerceram outros ofícios, como Bento Teixeira, que se tornou mestre-escola. Durante a visitação inquisitorial da década de 1590, pelo menos três ex-alunos deste curso de Artes do Colégio da Bahia foram processados por práticas letradas heterodoxas: Bento Teixeira, o próprio Licenciado Diogo do Couto¹⁸ e Bartolomeu Fragoso.¹⁹

¹⁵Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0115-116.

¹⁶ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus*, t. I, v. 1., *Op. cit.*, p. 76.

¹⁷ RIBEIRO, Marília de Azambuja. Marquês de Pombal e o fim do projeto educacional jesuítico em Portugal e seu império (séculos XVI-XVIII). *Clio – Revista de Pesquisa Histórica*, n. 27/2, 2009, p. 198.

¹⁸ Era Licenciado e Ouvidor da Vara Eclesiástica. Foi processado por ter pregado um sermão considerado suspeito diante do próprio Visitador Heitor Furtado de Mendonça na festa de Nossa Senhora das Mercês. Confessou ter a posse de livros defesos e era considerado suspeito por receber ajuda financeira de alguns cristãos-novos da Capitania de Pernambuco, segundo José Antônio Gonçalves de Mello, *Gente da Nação*, *Op. cit.*, p. 179. Suspeitava-se também que ele próprio era cristão novo por parte de pai. Não teve penitência pública por ser clérigo. Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-6353.

¹⁹ Foi processado pela prática de luteranismo e proposição herética. Em seu processo encontram-se anexados poemas escritos de sua autoria. Confessou a posse de livros defesos. Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-10423.

É importante destacar o impacto do Colégio da Bahia e a inserção social dos letrados que lá obtiveram formação, pois há uma historiografia que reitera o postulado segundo o qual “a vida do colégio parecia continuar, impávida, como se não estivesse envolvida pelo mesmo ambiente colonial. (...) A educação e o ensino se pautavam por princípios que, *ipsis litteris*, não prevalecia extra muros”.²⁰ É bastante problemático tentar compreender a cultura escolar jesuítica sem examinar a relação desta com a dimensão social, ou mesmo política, do mosaico que caracterizava a vida colonial.²¹ É o tipo de interpretação herdeira da tese da educação jesuítica “alheia à realidade” e, segundo Marília Ribeiro, é a “perspectiva teórico-política inaugurada por Fernando de Azevedo”²² na década de 1950, e ainda reproduzida por parte da historiografia da educação no Brasil. O exame das trajetórias dos sujeitos de formação letrada jesuítica na América portuguesa é o caminho que temos seguido para verificar em que medida a formação educacional dos Colégios repercutiu na vida social da Colônia.

É necessário considerar que o aspecto institucional dos Colégios ainda não estava plenamente consolidado. Mesmo por volta de 1583, o Padre Fernão Cardim destacava que “os padres tem aqui Colégio novo, quase acabado”,²³ referindo-se às instalações do Colégio da Bahia. Entretanto, este Colégio encontrava-se em condições mais avançadas se levarmos em conta o Colégio do Rio de Janeiro no mesmo período. Fernão Cardim nos concede o quadro das condições do Colégio em 1583, mesmo ano em que Bento Teixeira já se encontrava estudando no curso de Artes:

(...) é uma quadra formosa com boa capela, livraria, e alguns três cubículos, os mais deles tem a janela para o mar; o edifício é todo de pedra, e cal d’ostra; os cubículos são grandes, os portais de pedra, as portas d’angelim forradas de cedro; das janelas descobrimos grande parte da Bahia, e vemos os cardumes dos peixes e baleias andar saltando n’água.²⁴

Nesta década de 1580, o Colégio da Bahia possuía uma renda de pelo menos três mil cruzados fornecidos pela Coroa. No entanto, o Colégio também produzia

²⁰ PAIVA, José Maria de. Educação jesuítica no Brasil Colonial. In: LOPES, Eliana Marta T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 47.

²¹ Dominique Julia nos informa que a “cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular”. JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, jan./jun., 2001, p. 10.

²² RIBEIRO, Marília de Azambuja. Marquês de Pombal e o fim do projeto educacional jesuítico, *Op. cit.*, p. 201.

²³ CARDIM, Fernão. Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica. Lisboa: Imprensa Nacional, 1847, p. 10.

²⁴ *Ibidem*, p. 10-11.

mantimentos para o próprio sustento e para o auxílio das residências anexas da Companhia de Jesus nas povoações indígenas e coloniais como nos Ilhéus e em Porto Seguro. Ainda que as condições institucionais estivessem em processo de consolidação, o funcionamento era garantido haja vista que desde 1572 os jesuítas abriram o curso de Teologia,²⁵ o mais alto nível de formação letrada que eles poderiam oferecer. Por volta de 1583, havia pelo menos 60 internos residindo no Colégio, distribuídos entre os diversos níveis de ensino oferecidos. Fernão Cardim relata que havia uma classe de Teologia, uma de Casos, um curso de Artes, duas classes de Humanidades, e uma escola de ler e escrever.²⁶ Em 1589, esta estrutura estava assim distribuída:

Quadro I. Distribuição dos estudantes por níveis de ensino no Colégio da Bahia (c. 1589)²⁷

| Cursos | Número de estudantes internos | Número de estudantes externos | Total |
|--|-------------------------------|-------------------------------|-------|
| Faculdade de Teologia | 1 | 5 | 6 |
| Casos de Consciência | 3 | 6 | 9 |
| Artes (Filosofia) | 8 | 16 | 24 |
| Humanidades (primeira classe) | 1 | 15 | 16 |
| Humanidades (segunda classe) | 1 | 40 | 41 |
| Instrução elementar (ler, escrever e contar) | | 120 | 120 |

É perceptível, a partir da observação dos dados esboçados no Quadro I, de como o número de estudantes externos era expressivamente superior ao de internos. Enquanto que Serafim Leite atribui esta diferença à ausência de vocações, entendemos que o crescimento da sociedade colonial nas Capitanias do Açúcar, na segunda metade do século XVI, reflete-se diretamente na distribuição dos estudantes atendidos pelo Colégio. Este aspecto é importante, pois, ainda que os jesuítas mantivessem o Colégio para a formação de indivíduos que compusessem seus quadros, a demanda por formação letrada acabou por desvirtuar os objetivos iniciais.²⁸ Serafim Leite registra inclusive o conflito existente entre os padres e colonos por causa da expulsão de alguns estudantes. Na mediação do conflito, El-Rei solicitou que o Governador averiguasse a situação e, se necessário, fizesse com que os padres readmitssem os

²⁵ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. t. I, v. 1, *Op. cit.*, p. 78.

²⁶ CARDIM, Fernão. Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica, *Op. cit.*, p. 13.

²⁷ Quadro realizado a partir dos dados fornecidos por LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. t. I, v. 1, *Op. cit.*, p. 81-82.

²⁸ *Ibidem*, p. 91-92.

filhos dos colonos afirmando que “as escolas de ciências devem ser comuns a todo o gênero de pessoas sem exceção alguma”.²⁹

Apesar de no Quadro I os estudos de Casos de Consciência aparecem como um nível de ensino, as aulas desta disciplina eram paralelas ao estudo de outros cursos. Pelo menos é o que podemos constatar a partir do fato do próprio Bento Teixeira ter assistido às aulas de Casos com o padre Amaro Gonçalves no Colégio do Rio de Janeiro, enquanto cursava nas classes iniciais de Humanidades. Serafim Leite também nos informa que, na ausência de estudantes regulares, assistiam às aulas de Casos os padres do clero secular em Salvador.³⁰ É provável que o estudo dos Casos passasse outros cursos e os jesuítas ensinavam esta matéria de acordo com o nível frequentado pelos estudantes. Isto nos impediu de calcular e expor no Quadro I o número total dos estudantes do Colégio em 1589, pois os estudantes de Casos poderiam frequentar, simultaneamente, outros níveis como as Humanidades e as Artes. Assim sendo, se não considerarmos os números referentes aos estudantes da lição de Casos, poderíamos estimar em 207 o total de estudantes no ano de 1589.

O número de estudantes diminuía sensivelmente entre o nível elementar e o curso de Teologia Especulativa, ainda que este curso tenha existido desde 1572. Provavelmente, porque era o tipo de formação letrada para aqueles que se destinavam ao clero (regular e secular), e mesmo entre estes havia os que apenas se contentavam com as matérias de Teologia Moral oferecidas nas aulas de Casos de Consciência.³¹ É necessário ressaltar também que os estudos elementares possuíam maior concentração de estudantes em relação aos demais níveis, pois frequentavam a ele os filhos dos indígenas. A estes era oferecida apenas os rudimentos da leitura e escrita para que fossem catequizados e para ajudarem na difusão da evangelização entre as tribos às quais pertenciam. Em geral, eles não frequentavam outros níveis de ensino. Outra explicação para a diminuição do número de estudantes a cada curso, diz respeito à própria defasagem e desistência de alguns estudantes, como Bento Teixeira, que não chegou a concluir o curso de Artes.

Enquanto que no curso de Humanidades era oferecida formação literária, alinhada ao espírito e à determinação humanistas, nos cursos de Artes e Teologia predominava a opção pelo aristotelismo e pelo tomismo. O curso de Artes era caracterizado pelo estudo da Lógica, Física, Metafísica, Ética, Matemática e Astronomia.³²

²⁹ *Apud* LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil. t. I, v. 1, *Op. cit.*

³⁰ *Ibidem*, p. 77.

³¹ *Ibidem*, p. 79.

³² *Ibidem*, p. 75.

Durante o século XVI, neste curso de Artes do Colégio da Bahia, por exemplo, calculava-se a circunferência e diâmetro da Terra.³³ Este nível de estudos era profundamente baseado nos escritos de Aristóteles e havia recomendações sobre o fato de que este filósofo deveria ser estudado diretamente nas suas obras, e não a partir de compêndios escolares,³⁴ como ocorria no ensino de retórica no curso de Humanidades. É necessário considerar, no entanto, que os usos das obras de Aristóteles estavam condicionados pela revelação cristã, pois os professores jesuítas deveriam indicar durante as aulas “onde Aristóteles desviara-se do ensino cristão”.³⁵ Serafim Leite nos informa que o curso de Artes do Colégio da Bahia, fundado em 1572, tinha duração de um triênio, portanto, outra classe só era iniciada a partir do término da turma anterior. Esperava-se que houvesse pelo menos dez alunos para que o curso tivesse início.³⁶

O curso de Teologia, assim como o de Artes também foi fundado em 1572, durava quatro anos e era baseado na leitura das obras de São Tomás de Aquino. Dessa forma, enquanto que nos estudos secundários os jesuítas se apropriavam dos currículos humanistas, o escolasticismo continuava a predominar nos estudos superiores, e isto não representava uma realidade inconciliável. O Padre Visitador Cristóvão Gouveia, citado por Serafim Leite, informa-nos, de maneira precisa, como passaria a funcionar este curso no Colégio da Bahia a partir de 1583, até que viesse o primeiro esboço do que se tornaria a Ratio Studiorum, em 1586, para regular todos os níveis de formação oferecidos pelos jesuítas:

(...) explicarão as três partes de São Tomás, com tal ordem que, em quatro anos se leiam as principais matérias do especulativo: no 1º ano a matéria de Beatudine, Scientia Dei, Voluntate Dei, Praedestinatione, Trinitate, et Angelis; no 2º e no 3º ano, de Voluntario, Peccatis, Gratia, Fide, Spe, et Charitate; no 4º ano de Incarnatione e as mais, que puderem, dentro de quatro anos.³⁷

Com o número exponencialmente superior de estudantes externos, podemos ter uma ideia do impacto causado pelo Colégio Jesuíta na sociedade colonial. No entanto, faz-se necessário averiguar de que maneira a formação oferecida pelos jesuítas relacionava-se com a vida social existente em torno do Colégio da Bahia, para além da formação de letrados que atendiam às demandas do clero secular, que atuava diretamente no seio das populações coloniais. A relação mantida entre os estudantes

³³ Confissão do Licenciado em Artes Bartolomeu Fragoso, no tempo da Graça, em 20/08/1591. VAINFAS, Ronaldo. (Org.). *Confissões da Bahia*. Santo Ofício da Inquisição de Lisboa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 98.

³⁴ O'MALLEY, John W. *Os Primeiros Jesuítas*. São Leopoldo: Editora Unisinos; Bauru: Edusc, 2004, p. 381-382.

³⁵ *Idem*.

³⁶ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. t. I, v. 1, *Op. cit.*, p. 76.

³⁷ *Ibidem*, p. 79.

do Colégio da Bahia com a elite colonial, por exemplo, demonstrava como os conhecimentos adquiridos no Colégio, sobretudo os de caráter literário, eram utilizados como forma de barganha com vistas à promoção social e de concessão de favores e incentivos por parte dos agentes da administração régia e eclesiástica. Em um de seus artigos de contradição Bento Teixeira relatou que:

(...) o Bispo Dom Antônio Barreiros vendo seu bom modo de proceder lhe dava de vestir, e sustentava no estudo assim da Latinidade, como dos Casos, e Artes, aspirando-o também Cosmo Rangel que então servia de Ouvidor-geral, tendo todos em geral dele [Bento Teixeira] bom conceito por ser bom cristão, e diligente estudante, respondendo em tudo com os officios divinos, frequentando às Igrejas, confessando-se, e comungando cada mês, como tinham de costume os bons estudantes.³⁸

Bento Teixeira não revela em seu depoimento, mas certamente os favores que recebia do Bispo e do Ouvidor-geral não se deviam apenas por seu suposto bom modo de proceder como estudante exemplar. O padre Manuel do Couto confirmou o depoimento de Bento Teixeira afirmando “que é verdade que na dita Bahia estudando o dito Bento Teixeira foi favorecido do senhor Bispo e também foi estimado dos principais daquele tempo”.³⁹ Calisto da Mata também confirma e vai além, informando que Bento Teixeira “era favorecido dos principais por ser de bom engenho”.⁴⁰ Por outro lado, o principal motivo que levou Bento Teixeira a receber favores por membros da elite colonial é apontado no depoimento do padre Diogo do Couto, o qual afirmou que por Bento Teixeira “ter habilidade de fazer sonetos e trovas o favoreciam muitas pessoas principais da terra”.⁴¹ Paulo Serrão também confirma as referidas habilidades literárias, ao informar que “o dito Bento Teixeira trovava e fazia sonetos e era de bons ditos”.⁴²

Estas informações reiteram a discussão que atribui a autoria da Prosopopeia a Bento Teixeira,⁴³ pois tratava-se de um poema épico de caráter laudatório à Jorge de Albuquerque, que assim como Dom Antônio Barreiros e Cosmo Rangel era mem-

³⁸Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0093.

³⁹Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0107.

⁴⁰Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0109.

⁴¹Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0113.

⁴²Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0116.

⁴³ O debate em torno da autoria da Prosopopeia ocorre desde a primeira metade do século XIX e início do século XX, e apenas no final da década de 1920, com a publicação das Confissões e Denúncias da visita inquisitorial à América Portuguesa se chegou a informações conclusivas sobre um Bento Teixeira que viveu na Capitania de Pernambuco em fins do século XVI e citado nos depoimentos da visitação como tendo habilidade na composição de versos. José Antônio Gonsalves de Mello nos informa sobre todo o debate em torno da autoria da Prosopopeia, sendo fiel partidário do Bento Teixeira cristão novo dos registros inquisitoriais como autor do referido poema. Cf. MELLO, José Antônio Gonsalves. *Gente da Nação, Op. cit.*, p. 81-84.

bro da elite colonial. Além disso, as composições em verso utilizadas por Bento Teixeira, e possivelmente por outros estudantes do Colégio da Bahia, eram práticas de cultura letrada que integravam a cultura política do Antigo Regime definida pelas relações clientelares entre escritores de literatura encomiástica e laudatória e membros da elite.⁴⁴

Os panegíricos, os encômios e as diversas formas de dedicatórias não são estranhos à sociedade de corte, na qual os valores dos vãos se medem pela sua fama pública e pelos louvores aos seus feitos. Nesse sentido, o valor poético de tais exemplares textuais não se pode isolar da política personalista e palaciana do “Antigo Regime”.⁴⁵

O historiador Guilherme Amaral Luz ressalta que a Prosopopeia teria sido o resultado da junção de várias partes reunidas com vistas à impressão tipográfica em 1601.⁴⁶ José Antônio Gonsalves de Mello afirma que a composição da Prosopopeia teria ocorrido entre 1584 (ano em que, segundo ele, Bento Teixeira passou a morar na Capitania de Pernambuco) e 1594.⁴⁷ Ainda que possamos considerar as duas hipóteses como válidas, a experiência de Bento Teixeira como poeta que verseja as figuras da elite colonial remonta desde o período em que era estudante no Colégio da Bahia, por volta de 1583, como atestam os depoimentos que referenciaram suas habilidades literárias. Ao escrever aos membros da família donatarial da Capitania de Pernambuco, Bento Teixeira certamente desejava lograr benefícios e mercês já experimentados quando então era estudante no Colégio da Bahia por parte do Bispo Antônio Barreiros e do Ouvidor-geral Cosmo Rangel. Dessa forma, poderíamos supor inclusive que alguns versos da Prosopopeia seriam o resultado do aperfeiçoamento de versos compostos desde o período em que Teixeira era estudante do curso de Artes na Bahia e favorecido por sujeitos de proeminência social e política da sociedade colonial.

Estas relações clientelares parecem não ter sido restritas ao Bento Teixeira, mas integravam um conjunto de relações mais amplas tecidas entre os estudantes do Colégio da Bahia e figuras-chaves da administração régia e eclesiástica. Em 1573, por ocasião da chegada do Governador-geral Luiz de Brito e Almeida, foi declamado um Diálogo em sua homenagem e, por este motivo, o Governador “prometeu concorrer daí em diante, com prêmios aos alunos”.⁴⁸ O próprio Bispo D. Antônio Barreiros concedia aos estudantes mais destacados do Colégio da Bahia o prêmio de 15

⁴⁴ LUZ, Guilherme Amaral. O canto de Proteu ou a corte na colônia em Prosopopéia (1601), de Bento Teixeira. *Tempo*, v.13, n. 25, 2008, p. 197.

⁴⁵ *Idem*.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 202-204.

⁴⁷ MELLO, José Antônio Gonsalves. *Gente da Nação*, *Op. cit.*, p. 84.

⁴⁸ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. t. I, v. 1, *Op. cit.*, p. 101.

arrobas de açúcar, o equivalente a 30 cruzados, na época, por terem em sua homenagem recitado epigramas na festa de abertura do ano letivo de 1590.⁴⁹ Os benefícios, portanto, poderiam ser concedidos tanto para o Colégio enquanto instituição ou para estudantes em particular, como foi o caso de Bento Teixeira.

Outro estudante do curso de Artes do Colégio da Bahia que construiu relações com membros da elite colonial foi Bartolomeu Fragoso. No entanto, seus versos apresentam certa peculiaridade, pois eram laudatórios a Beatriz Correia, conhecida na cidade de Salvador por ser “mulher mundana e pecadora”,⁵⁰ e a um sujeito chamado Ruy Teixeira. Bartolomeu Fragoso foi processado durante a visitação do Santo Oficio e seus versos foram confiscados pelo visitador Heitor Furtado de Mendonça e anexados ao seu processo inquisitorial junto com onze capítulos do livro de Tobias do Antigo Testamento traduzidos em português.

No momento, apenas nos interessa seu poema laudatório endereçado a Ruy Teixeira intitulado “Soneto ao muy nobre e generoso senhor Ruy Teixeira, dirigindo-se esta obra”. Sobre este personagem não temos muitas informações, no entanto assinalamos que coincidentemente Bento Teixeira tinha um primo envolvido na mercancia que viveu por algum tempo na Bahia, mas não temos informações seguras para determinar se o primo de Bento Teixeira e o personagem dos versos de Bartolomeu Fragoso tratavam-se da mesma pessoa. Ruy Teixeira parece ter sido um agente de considerável relevância social e econômica na Bahia. Se este senhor é o mesmo primo de Bento Teixeira, poderia ter sido de fato uma figura proeminente, pois enquanto Bento Teixeira esteve preso nos Estaus da Inquisição de Lisboa por volta de 1597, recebeu informações de que seu primo se encontrava na cidade de Pisa na Itália a negócios junto com outros dois mercadores que eram seus genros.⁵¹ Antes de se encontrar em Pisa, Ruy Teixeira tinha passado por Lisboa quando veio do Brasil, onde era “nesta cidade [de Salvador] respondente de Bento Dias Santiago, de Lisboa”,⁵² integrando assim uma rede comercial.⁵³

⁴⁹ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. t. I, v. 1, *Op. cit.*, p. 103-104.

⁵⁰ Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-10423_m0036.

⁵¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0242.

⁵² Pelo menos é o que nos informa as denúncias que foram realizadas contra ele durante a visitação inquisitorial na Bahia. Segundo estas denúncias, Ruy Teixeira teria dito que cria nas palavras de um seu escravo de confiança na mesma proporção em que dava crédito às palavras do Evangelho. Paulo Moreira contra Rui Teixeira, 07/08/1591. Denúncias da Bahia 1591-593. São Paulo: Paulo Prado, 1922-1929, p. 292-293; Francisco Roiz Castilho contra Rui Teixeira, 07/08/1591. Denúncias da Bahia. *Op. Cit.*, p. 293-294; Ilena da Fonsequa contra Rui Teixeira, 29/10/1591. Denúncias da Bahia. *Op. Cit.*, p. 542.

⁵³ Este tipo de rede comercial era constituído a partir de relações entre mercadores que tinham o contato direto com a produção do açúcar na Colônia e mercadores correspondentes em Lisboa e outras partes da Europa que poderiam ser investidores. Em geral se constituíam a partir da associação entre mercadores da mesma família, mas não dispomos de informações para determinar de Ruy Teixeira possuía algum grau de parentesco com seu correspondente em Lisboa, Bento Dias Santiago. Relações como esta aconteciam no Brasil no mesmo período, a partir do que podemos visualizar no trabalho do historiador Ângelo Assis que analisou as redes comerciais às quais estava inserido o também cristão-novo João Nunes. ASSIS, Ângelo A. F. de. *João Nunes, um rabi escatológico na Nova Lusitânia*.

O Soneto de Bartolomeu Fragoso parece ter sido escrito para integrar uma obra encomiástica mais ampla, a qual não tivemos acesso, senão os versos que apresentaremos adiante. A referência à generosidade de Ruy Teixeira expressa logo no título do Soneto aponta para os possíveis benefícios e compensações adquiridos por Bartolomeu Fragoso ao versejar em louvor do ilustre mercador. Os elogios não paravam por aí:

Senhor alto, Ilustre, E venerado
 Dever, honra, valor, E gram sentido
 Memória, claro engenho, a vós devido
 E saber, arte, prudência, E o bom fado
 Nesta minha obra nascia debuxado
 O mal do mar vereis, que embrevecido
 Se mostra, E o sucesso muy temido,
 Tempestades, com perigo procelado.
 E por não achar, aquy outro, que ser
 Emenda lhe possa dar, onde e voz
 Tiver, no-la quis mandar sem mais detença.
 Agora vos peço, vos favorecer
 Aqueirais com favor puro, grande honor
 Que liberta possa andar sem mal offença.⁵⁴

Se o Ruy Teixeira, representado no Soneto, é o primo mercador de Bento Teixeira – que foi de Salvador no Brasil à cidade de Pisa, na Itália –, as referências a uma figura destemida que enfrenta com bravura o “mal do mar embrevecido” e “tempestades com perigo procelado” parece se alinhar plenamente ao perfil do mercador que, inserido em rotas comerciais, lida com os mesmos pavores do cotidiano marítimo. Mas, no contexto da expansão marítima, os perigos do mar eram enfrentados por funcionários da administração, clérigos e colonos em geral. Se tais enfrentamentos se tornam mais incidentes para alguém como Ruy Teixeira, é porque seu contato com a vida marítima era mais costumeiro do que com pessoas de outras categorias, considerando as atividades da mercancia.

Nota-se a ausência de figuras de ornato da cultura clássica presentes em abundância tanto na Prosopopeia de Bento Teixeira, como da literatura utilizada pelos jesuítas no estudo das Humanidades. Entretanto, ainda que Bento Teixeira tenha feito ecoar sua formação literária mais expressamente em sua produção escrita, os limites de um simples Soneto introdutório a uma obra que se propunha ser mais ampla não permitiram tal reverberação. Em alguns outros versos, anexados ao processo

Sociedade colonial e Inquisição no Nordeste Quinhentista. São Paulo: Alameda, 2011, p. 120. Um estudo mais recente sobre a questão das redes de comércio que muitos cristãos-novos integravam no final do século XVI e no início do XVII é o da historiadora Janaína Guimarães Silva. Cf. SILVA, Janaína Guimarães da F. *Cristãos-novos nos negócios da Capitania de Pernambuco: relacionamentos, continuidades e rupturas nas redes de comércio entre os anos de 1580 e 1630*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2012.

⁵⁴ Soneto ao muy nobre e generoso senhor Ruy Teixeira, dirigindo-se esta obra. Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-10423_m0044.

inquisitorial, Bartolomeu Fragoso escreve às irmãs Beatriz e Magdalena Correia e, a elas sim, elementos clássicos se fazem presentes.⁵⁵

Se o personagem ilustre louvado no Soneto é generoso e concede favores e mercês ao poeta que amplifica suas virtudes, a contrapartida desta relação clientelar manifesta-se no pedido do poeta em querer “favorecer” o seu personagem com “grande honor”. Temos, aqui, mais uma vez expressos, elementos que fazem parte da cultura escrita e política da sociedade do Antigo Regime. No entanto, é necessário entender que elementos do Antigo Regime que foram reproduzidos nos trópicos⁵⁶ apresentaram peculiaridades que se caracterizaram por uma estrutura com certa plasticidade na definição das hierarquias e dos papéis sociais.⁵⁷ Segundo Guilherme A. Luz, Bento Teixeira, em sua Prosopopeia, fez “corte na Colônia”,⁵⁸ exercendo, nos espaços coloniais, práticas cortesãs de cultura letrada ao ver-se sobre a nobreza dos Albuquerque Coelho. Kalina V. Silva em certo sentido reitera esta ideia, porque considera que os sistemas de valores veiculados por meio de tais práticas cortesãs ultrapassaram os limites da corte e foram incorporadas pelas elites locais na América portuguesa.⁵⁹ Com Bartolomeu Fragoso, em seu Soneto, não seria diferente e podemos, plenamente, assim definir, também, a produção escrita deste poeta, apesar de que diferentemente da Prosopopeia de Bento Teixeira, o Soneto de Bartolomeu Fragoso não apresenta elementos da épica literária. A situação colonial traçou a especificidade desta produção letrada, pois as condições de mercador e cristão-novo de Ruy Teixeira não o impediram de ser objeto de glorificação encomiástica no mesmo estilo de prática cortesã de cultura letrada, isto se este Ruy Teixeira do Soneto de Bartolomeu Fragoso foi, de fato, o primo do também poeta Bento Teixeira.

Tomada em conjunto, a produção escrita destes letrados de formação jesuítica aponta para o impacto do Colégio da Bahia na teia das relações sociais concebidas

⁵⁵ “Se el amor de Tisbe Venus en alguna / O de Biblis, Pasiphara de vos ouviesse / Por cierto, señoras mias, que mouvisse / Vuestros duros coraciones, o lo de una / Aquella hermosa Helena, a quien fortuna / quis dar gran perfeccion com que tuviesse / A que no excede tal humana alguna / De fue a cáneste mundo mas que exemplo / treslado, de buco, retrato, de aquella / Vuestra gracia, perfección, y hermosura / Siendo pues vos tal, a quien yo contemplo / Con coraçõ, sentido, y el alma com querella / Se queixa me dar favor cuna sepura.” Arquivo Nacional da Torre do Tombo – PT-TT-TSO-IL-28-10423_m0045.

⁵⁶ Cf. HESPANHA, Antônio M. Antigo regime nos trópicos? Um debate sobre o modelo político do império colonial português. In: FRAGOSO, João; GOUVEA, Maria de Fátima. *Na trama das redes: política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

⁵⁷ Antônio C. Jucá de Sampaio discute a reprodução da hierarquia social de Antigo Regime no contexto colonial. O autor trabalha com a ideia de “um Antigo Regime tropicalizado (...) tendo por base social a escravidão”. SAMPAIO, Antônio C. Jucá de. Fluxos e refluxos mercantis: centros, periferias e diversidade regional. In: FRAGOSO, João; GOUVEA, Maria de Fátima. *O Brasil Colonial (c. 1580- c. 1720)*. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 405.

⁵⁸ LUZ, Guilherme Amaral. O canto de Proteu ou a corte na colônia, *Op. cit.*, p. 215.

⁵⁹ SILVA, Kalina V. Fidalgos, capitães e senhores de engenho: o Humanismo, o Barroco e o diálogo cultural entre Castela e a sociedade açucareira (Pernambuco, séculos XVI e XVII). *Varia História*, v. 28, n. 47, jan./jun., 2012, p. 236.

no ambiente colonial, já a partir do século XVI. Estamos, portanto, distantes de algumas abordagens historiográficas que reiteram o postulado de uma formação escolar completamente alheia à vida colonial. Toda a formação letrada desses sujeitos, desde as primeiras letras, até os estudos superiores do curso de Artes, ocorreu nos Colégios da América portuguesa. Os conhecimentos literários, aprendidos com os jesuítas nestes Colégios, serviram para que fossem construídas relações simbólicas e materiais entre os estudantes e os agentes da elite colonial na representação literária desses agentes, por meio das figuras e modelos da cultura letrada cortesã, se considerarmos os devidos ajustes e especificidades.

Acrescentamos, também, que este tipo de produção escrita era bastante utilizado como exercício pedagógico pelos jesuítas em seus Colégios. Eram composições em verso que se constituíam com base do princípio da *imitatio*⁶⁰ dos poetas clássicos, como Virgílio, Ovídio e Horácio. Os jesuítas estimulavam a produção literária dos seus alunos a partir da imitação dos poetas antigos, vistos como modelo estilístico. A IV Parte das Constituições da Companhia de Jesus determinava que os estudantes de Humanidades fossem estimulados frequentemente a apresentarem certa produção escrita em prosa e em verso e o domínio pleno do latim por meio da prática da conversação.⁶¹ Em larga medida, o estímulo a estas formas de composição adquiriam maior relevo, pois eram declamadas pelos alunos nas festas de abertura do ano letivo ou em outras comemorações solenes, nas quais compareciam figuras destacadas como o Bispo e o Governador. Durante a visitação do padre Cristóvão Gouveia ao Colégio da Bahia, por volta de 1583, o padre Fernão Cardim nos relata a maneira como o visitador foi recebido, e três dias depois o governador Manuel Teles Barreto, que veio na mesma frota para assumir o comando do Governo-geral, foi homenageado com as mesmas honrarias:

Quando o padre visitou as classes foi recebido dos estudantes, com grande alegria e festa; estava todo o pátio enramado, as classes bem armadas com guadarnias, painéis e várias sedas. O Padre Manuel de Barros, lente do curso, teve uma eloquente oração, e os estudantes duas em prosa, e verso; recitaram-se alguns epigramas, houve boa música de vozes. (...) Daí a dois ou três dias, vindo o Sr. Governador à casa, os estudantes o receberam com a mesma festa, recitando-lhe muitos epigramas; o padre Manuel de Barros lhe teve uma oração cheia de muitos louvores e onde entraram todos os troncos,

⁶⁰ “E se os principiantes da pintura se exercitavam imitando as obras primas daqueles que elegiam por modelos, como não esperar que os mestres do séc. XVI fizessem imitar seus modelos da Antiguidade greco-latina? Seguiam aliás a tradição pedagógica de Quintiliano que recomendava especialmente a leitura de Cícero para a aprendizagem de um estilo claro e preciso e afirmava, sem hesitar, que grande parte da arte consistia precisamente na *imitatio*”. MIRANDA, Margarida. Uma Paidéia Humanística: a importância dos estudos literários na pedagogia jesuítica no séc. XVI. HVMANITAS. v. XLVIII, 1996, p. 243.

⁶¹ *Ibidem*, pp. 227.

e avoengos dos Monizes, com as mais maravilhas de que tem feito na Índia, de que ficou muito satisfeito.⁶²

Diferentemente do viés no qual não havia nenhum tipo de relação construída entre os Colégios e a atmosfera que os cercava, consideramos também que os conhecimentos transmitidos por meio dessas instituições estavam alinhados com o mesmo tipo de saber oferecido pelos Colégios europeus no mesmo período. Dessa forma, afirmamos a integração dos Colégios da América portuguesa ao sistema de ensino existente no reino, através de uma rede interinstitucional.⁶³ Em pleno século XVI, nas aulas do curso de Artes do Colégio da Bahia, calculava-se a circunferência e diâmetro da Terra, como já vimos anteriormente.⁶⁴ Neste sentido, consideramos, assim como Belmiro F. Pereira que:

Importa, pois, rejeitar as lendas negras da alegada incompatibilidade entre fé católica e ciência, bem como muitos preconceitos antijesuíticos ainda hoje repetidos acriticamente. (...) Os Colégios da Companhia de Jesus estavam perfeitamente a par do pensamento científico dos séculos XVI e XVII, contrariando preconceitos de que padece ainda parte de nossa historiografia cultural e literária.⁶⁵

Contudo, devemos considerar, também, que por mais que a produção do saber nas instituições de formação letrada ocorresse de forma incipiente – principalmente durante o século XVI, sob a influência do Humanismo –, o conhecimento estava orientado para se reafirmar a fé, e não para ir de encontro a ela.⁶⁶ Além disso, isto não excluía o fato de que alguns mestres, de forma pontual, apresentavam uma postura que limitasse a busca pelo saber. Tomemos por exemplo, mais uma vez, o depoimento do padre Paulo Serrão sobre Bento Teixeira, na época em que ambos foram estudantes no Colégio da Bahia:

(...) também sabe que seu mestre Manoel de Barros padre da Companhia que já é falecido que nos estudos dizia publicamente perante ele testemunha ao dito Bento Teixeira que não fosse com o estudo e letras por diante porque não lhe acontecesse algum mal porque tinha muitas opiniões e dúvidas em suas argumentações e lhe dizia mais o dito mestre que se ele Bento Teixeira fosse letrado corria risco dar em herege.⁶⁷

⁶² CARDIM, Fernão. Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica, *Op. cit.*, pp. 8-9.

⁶³ RIBEIRO, Marília de Azambuja. O Marquês de Pombal e o fim do projeto educacional jesuítico, *Op. cit.*, p. 198.

⁶⁴ Confissão do Licenciado em Artes Bartolomeu Fragoso, no tempo da Graça, em 20/08/1591. Confissões da Bahia, *Op. cit.*, p. 98.

⁶⁵ PEREIRA, Belmiro Fernandes. *Retórica e Eloquência em Portugal na época do Renascimento*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2012, p. 80.

⁶⁶ “Trata-se portanto de uma pedagogia (...) que aceita as humanidades greco-latinas contanto concorram para a formação cristã”. *Ibidem*, p. 757.

⁶⁷ Arquivo Nacional da Torre do Tombo –PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0117.

Se o relato de Paulo Serrão foi verdadeiro, devemos refletir sobre a própria postura de Bento Teixeira em questionar aspectos concernentes à doutrina cristã durante as aulas do padre Manoel de Barros. Se por um lado, seus conhecimentos de latim foram amplamente utilizados na leitura e tradução de textos do Antigo Testamento, permitindo a ele e aos outros o contato com o sagrado, a partir de uma leitura que se pretendia judaica, a tentativa de melhor compreender os sentidos da religião católica – tão detratada durante o convívio com os judaizantes –, deve ter-se gerado a postura reacionária do mestre Manoel de Barros. A experiência de coexistência com duas formas de vivência religiosa – uma pública e outra particular – proporcionou a Bento Teixeira a formulação de “muitas opiniões e dúvidas em suas argumentações” que se direcionavam tanto para o catolicismo quanto para o judaísmo.

Por outro lado, as supostas palavras do padre Manuel de Barros ecoavam as interdições à curiosidade dos letrados que fizeram parte durante séculos da tradição cristã. As raízes dessa limitação, segundo o historiador Carlo Ginzburg, encontram-se na interpretação equivocada de uma sentença do Apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos (“nom altum sapere”).⁶⁸ Por motivos relacionados à tradução do texto bíblico, o que deveria ser compreendido como reprimenda à soberba moral foi aplicada à curiosidade investigativa do intelecto humano. A advertência do padre Manuel de Barros traduzia objetivamente este equívoco interpretativo. Ao afirmar que Bento Teixeira “corria o risco dar em herege”, caso se aprofundasse e seguisse adiante com os estudos, Manuel de Barros, certamente, se referia ao nível da realidade religiosa, segundo o qual era vedado conhecer-se os segredos divinos para além do que se entendia como ortodoxo. Esta concepção reafirmava o poder institucional da Igreja “subtraindo os dogmas tradicionais à curiosidade dos heréticos”.⁶⁹

Ainda que os limites do conhecimento tivessem sido submetidos a um processo de redefinição, graças às transformações que ocorreram no Ocidente, entre os séculos XV e XVI, e ao Humanismo, que renovou a busca pelo saber humano e teológico, a postura do padre Manuel de Barros era plenamente aceitável, considerando o zelo pela ortodoxia. O episódio registrado com o Bento Teixeira não deve ser utilizado como forma de reiterarem-se abordagens redutoras sobre o ensino na Companhia de Jesus, pois Bento Teixeira continuou com seus estudos mesmo diante da consideração do seu mestre e até aqui temos visto como ocorria a transmissão de saberes nos Colégios Jesuítas. O que devemos levar em conta é o caráter complexo das instituições a cada período histórico, buscando o equilíbrio analítico capaz de entender o passado como algo dinâmico e constituído a partir de um conjunto de elementos que, por mais que aos nossos olhos possam parecer contraditórios, eram

⁶⁸ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 95.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 99.

plenamente inter-relacionados, coexistindo e mantendo relações entre si.⁷⁰ Jesuítas e inquisidores eram sujeitos que prezavam pela ortodoxia, e eram homens letrados, com formação universitária até. Inclusive, a discussão que buscava definir os limites do que se poderia ser considerado ortodoxo era resultado de uma profunda reflexão teológica.

Bento Teixeira não chegou a concluir o curso de Artes, desistiu dos estudos e se mudou para a Capitania dos Ilhéus onde se casou com Felipa Raposo. O motivo apontado para justificar a desistência, foi uma suposta injúria feita por um cristão-novo chamado Tristão Ribeiro.⁷¹ Paulo Serrão confirmou a tal injúria em seu depoimento, acrescentando “que um irmão e cunhado de Tristão Ribeiro injuriaram ao dito Bento Teixeira na Rua dos estudos dando-lhe com uma garrafa de sujidade, e que posto que ele testemunha se não achou presente a isso, foi isto notório e certo”.⁷² A provável humilhação pública à qual foi submetido teria levado Bento Teixeira a querer abandonar o curso de Artes no Colégio da Bahia, mas, conforme relatou aos inquisidores, pretendia continuar os estudos “e ir acabá-los em Coimbra”.⁷³

Questionamo-nos se os motivos que levaram Bento Teixeira a desistir dos estudos de Artes teriam a ver apenas com a injúria que lhe fez Tristão Ribeiro. É provável que Bento Teixeira já sentisse as restrições à sua condição de cristão-novo ou mesmo já estivesse farto do regime devocional em que os estudantes do Colégio deveriam submeter-se, frequentando as missas, comungando e se confessando regularmente, considerando sua própria consciência de judaizante. Talvez, o patrocínio do Bispo e do Ouvidor havia terminado, e aliado a isto a necessidade de buscar meios para se sustentar, envolvendo-se com outras atividades de caráter econômico. São possibilidades, mas, certamente, não foi apenas por uma injúria pontual. Foi uma atitude tomada a partir de um conjunto de fatores, possivelmente.

Além disso, estudar em Coimbra requeria condições materiais para financiar os estudos, coisa que Bento Teixeira não tinha. Seus pais já haviam morrido, e quem lhe sustentava nos estudos eram o Bispo Dom Antônio Barreiros e o Ouvidor Cosmo Rangel, fornecendo-lhe inclusive a vestimenta. Como estudante dos mais aplicados, talvez Teixeira pudesse ter conseguido ir à Coimbra caso entrasse para a Companhia de Jesus. Mas, ainda que a ordem jesuítica não tivesse aplicado oficialmente os estatutos de pureza de sangue, já havia determinações para os padres no

⁷⁰ Segundo José Eduardo Franco e Célia Tavares, existem duas abordagens na forma de se compreender a ação da Companhia de Jesus na história: uma antijesuítica, e a outra filojesuítica. Para os autores, estas duas perspectivas são problemáticas, pois apresentam “uma unilateralidade enfermada pelos fins apologetic-ideológicos que condicionam a evidenciação unívoca de um dos lados da realidade. Por isso, ambas carecem de equilíbrio analítico”. FRANCO, José Eduardo; TAVARES, Célia Cristina. *Jesuítas e Inquisição*. Cumplicidades e confrontações. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 20.

⁷¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo –PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0094.

⁷² Arquivo Nacional da Torre do Tombo –PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0116.

⁷³ Arquivo Nacional da Torre do Tombo –PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0732.

Brasil, de não admitirem cristãos-novos desde 1577.⁷⁴ Neste período, o critério de pureza de sangue se fazia sentir gradativamente no âmbito institucional dos Colégios em Coimbra, e a existência de alguns letrados jesuítas de ascendência judaica nas Universidades de Évora e Coimbra gerou algumas tensões.⁷⁵ As possíveis restrições a um cristão-novo como Bento Teixeira no Colégio da Bahia se fariam mais incipientes, no mesmo período, nas instituições de formação letrada do reino.

É necessário pontuar, no entanto, que apesar das restrições aos cristãos-novos, a Companhia de Jesus a princípio os admitia, considerando o próprio espírito de Inácio de Loyola com relação aos descendentes de judeus.⁷⁶ Ocorreu que houve um movimento crescente dentro da Companhia que apontava para a exigência de pureza de sangue e que acabou por tornar-se definitiva, somente em 1593, ainda que já tivesse havido recomendações anteriores a este respeito.⁷⁷ As restrições não se aplicavam exclusivamente aos cristãos-novos, mas afetava outros grupos étnicos como os mouros, os indígenas e os asiáticos, recém-convertidos ao Cristianismo pela ação missionária da própria Companhia,⁷⁸ e alcançados graças à expansão do império português.

Isto não significa dizer que, na prática, essas medidas funcionassem integralmente. Ainda que, desde 1577, houvesse determinações que impediam que sujeitos de origem cristã-nova fossem admitidos na Companhia de Jesus no Brasil, estes e filhos mestiços de portugueses continuavam a ser formados pelo Colégio da Bahia, presentes nos cursos de Humanidades, Artes e até Teologia. Havia dúvidas sobre se Bartolomeu Frago, mestre em Artes e provavelmente se preparando para ingressar no curso de Teologia no Colégio Jesuíta da Bahia, possuía ascendência judaica. Júlio Pereira, um dos denunciadores de Bartolomeu Frago e seu companheiro de estudos, era mestre em Artes e “homem pardo”.⁷⁹ João Homem e Jorge Thomás⁸⁰ eram estudantes no Colégio da Bahia na mesma época que Bento Teixeira e eram cristãos-novos.⁸¹ Sobre Diogo do Couto, Licenciado em Teologia pelo mesmo Colégio e depois Ouvidor Eclesiástico na Capitania de Pernambuco, também se especulava sobre

⁷⁴ “A 13 de Julho de 1577, tinha já escrito o P. Geral Mercuriano ao P. Anchieta: ‘entende-se cá que se desedifica a gente de que recebamos cristãos-novos na Companhia: por isso não se deverão admitir tal sorte de pessoas, nem ainda outras que possam escandalizar’. Confirma-se a ordem a 15 de Janeiro de 1579”. LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. t. II, v. 1, *Op. cit.*, p. 443.

⁷⁵ OLIVAL, Fernanda. Rigor e interesses: os estatutos de pureza de sangue em Portugal. *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n. 4, 2004, p. 154.

⁷⁶ O’MALLEY, John W. *Os Primeiros Jesuítas*, *Op. cit.*, p. 295-298.

⁷⁷ FRANCO, José Eduardo; TAVARES, Célia Cristina. *Jesuítas e Inquisição*, *Op. cit.*, p. 25-26.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 28.

⁷⁹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo –PT-TT-TSO-IL-28-10423_m0021.

⁸⁰ Segundo Bento Teixeira, este é Jorge Thomás “o pequeno” para distingui-lo de um seu tio homônimo que era lavrador na Capitania de Pernambuco. Jorge Thomás “o velho”, denunciou Bento Teixeira durante a visitação à Capitania de Pernambuco. Jorge Thomás Pinto contra Bento Teixeira, 05 jun. 1594. Denúncias de Pernambuco. São Paulo: Ed. Paulo Prado, 1929, p. 287-291.

⁸¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo –PT-TT-TSO-IL-28-5206_m0452-453.

se seu pai era cristão-novo. O grupo de letrados que paulatinamente se formava através do funcionamento dos Colégios Jesuítas, a partir destes casos relatados, provavelmente, apresentava uma composição social heterogênea. Se assim o foi, podemos supor que as determinações que definiam o caráter institucional destes Colégios não conseguiram resistir à própria estruturação da sociedade colonial, que se tornava cada vez mais complexa e diversificada, na medida em que o processo de colonização consolidava-se em fins do século XVI.

Independente das questões que impediram Bento Teixeira de prosseguir com os estudos, o fato é que sua vida na América portuguesa continuou e sua formação letrada nos Colégios da Companhia de Jesus foi necessária, posteriormente, para que atuasse na Capitania de Pernambuco como mestre-escola. Seja na construção de relações simbólicas e materiais, entre setores sociais externos aos Colégios, seja na própria composição social do grupo de letrados que se formava na sociedade do açúcar a partir de fins do século XVI, o trabalho formativo da Companhia de Jesus respingou para além dos limites institucionais dos Colégios, e este aspecto apenas reafirma a importância desta instituição como o principal centro de formação letrada do período.

Sobre o autor:

Juarlyson Jhones Santos de Souza

Mestre em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Artigo recebido em 23 de junho de 2015.

Aprovado em 24 de outubro de 2015.